

## A Gang: A thimbuini

Domingos Tomo. J. S. Patrício \*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-4710-2894>

Uma das zonas suburbanas duma das cidades havia um grupo de gang que se faziam de donos da zona, controlavam tudo, desde as pessoas e os bens. Os considerados ricos eram de forma coerciva obrigados a pagar tributo a gang, isto acontecia de quinze em quinze dias, e caso o indivíduo não pagasse as consequências poderiam ser drásticas, mesmo aqueles que pagavam a gang por vezes eram molestados para pagarem mais do que deviam. Fazer comércio naquela zona era entregar-se a desgraça, ao terror e ao risco de vida todos os dias.

Polícias do estado estavam cansados de controlar os crimes daquela cidade, uma zona famosa em crimes de roubo, assassinatos e estupros e violações, uma zona sem a presença da moral, uma zona marginal, onde o terror estava na testa de qualquer morador, crianças e adultos todos davam medo, “*elabo sé munha*”- uma terra sem dono.

Quando policiais eram escalados para ir controlar a zona terminavam nas zonas circunvizinhas com medo de entrarem e não saírem com vida.

Era uma zona onde facilmente podia encontrar casas de arrendamento muito baratas e terrenos a venda a preços muitos acessíveis, mas arrendar uma casa ou algum apartamento ou mesmo comprar um espaço para construir naquela zona era comprar o seu próprio inferno. Muitos abandonam antes que começassem a morar depois do arrendamento ou mesmo antes de construir depois de comprar um terreno.

A gang se replicava de geração em geração, de pais para filhos e para netos, era um modo de vida de uma zona sem esperança.

Eram pessoas sem escrúpulos, sem censo de piedade e com uma vida de sexo e drogas, crianças dando vida outras crianças, o que reinava era a lei do mais forte.

Para o estado daquele país aquela era zona excluída do controle, onde as leis não se faziam valer, homens com suas próprias leis, sua própria convivência, tudo que era inconveniente, imoral, não social, para eles era conveniente, uma zona de pessoas normais, mas com comportamentos e atitudes anormais, de terrores e de vampiros.

Um dia, depois de muito de tempo, uma mulher que vivia numa zona muito distante, tinha um filho, o seu único filho, na qual ela amava, que cuidava dela em tudo

---

\* Docente da Universidade Licungo, Mestre em Nutrição e Biotecnologia Alimentar, Especialização em Nutrição, Moçambique. E-mail: [domingostomo@gmail.com](mailto:domingostomo@gmail.com)

porque era velha de idade, foi viajar para aquela cidade, e levava consigo muito dinheiro para fazer compras de volta, mas quando chegou naquela cidade decide alugar uma casa, mas por azar do destino acabou alugando na zona de terror um apartamento a um preço acessível e achou que fosse homem de sorte.

Três dias depois de estar no apartamento, sete membros da gang o visitaram onde o arrancaram tudo até a sua própria vida.

Dia seguinte a notícia espalhou-se que chegou até aos ouvidos da mãe, ela não acreditou o que tinha ouvido, mas confirmou quando os familiares e vizinhos trouxeram o corpo do filho sem vida, chorou, chorou e chorou amargamente porque já não tinha quem pudesse-lhe ajudar.

No dia seguinte, depois de trazerem o corpo e antes que realizasse o enterro, um velho amigo da velha, que por sinal era conhecido pela fama da sua magia pergunta para sua amiga sobre o que devia fazer para que os tinham desgraçado a sua amiga, ela responde, somente que paguem amargamente como eu chorei amargamente e me deixaram na desgraça sem ninguém para me ajudar.

Depois de conversarem, o velho pediu a todos que estavam na sala onde se encontrava o caixão com o defunto para que pudessem sair para fora, todos saíram, e ficou somente ele e o morto, fez a sua magia, e depois pediu aquele que quisesse voltar para sala pudesse voltar, uns voltaram e outros não.

Chegou a hora do enterro, no cemitério depois do caixão estar na cova ele foi o primeiro a lançar arreia para o caixão e depois a sua amiga, a mãe do defunto e mais ninguém a não ser somente os coveiros.

Admiração total, mas ninguém podia dizer nada.

Depois que os coveiros terminaram o seu trabalho, ele foi o único que plantou uma única flor na campa e mais ninguém, amigos, familiares que tinham as suas flores para dar o último adeus foram obrigados a lançar para qualquer parte do cemitério ou mesmo deixando em outras campas.

Os acompanhantes perceberam que alguma desgraça recairia para aqueles que cometeram aquela atrocidade.

Passaram se três meses após a morte do jovem, os sete membros da gang vivendo a sua vida normal como se nada acontecesse, bebendo, fumando drogas, andando com garotas, uma vida boa com o dinheiro que tinham levado do jovem que eles haviam morto, era muito dinheiro.

Nesse período de três meses, o velho mágico teve que construir um boneco de barro com toda uma estrutura humana, fazê-lo secar e queimar para estar forte e rígido, costurar roupas, sapatos, chapéu e óculos, coisas semelhantes na qual o defunto gostava, o velho teve toda a paciência, porque era uma vingança, e a vingança devia ser trabalhada com todos os seus detalhes.

O velho mágico era um grande artista na paciência da sua arte e até teve que pintar o boneco com uma cor semelhante com a cor da pele do falecido.

Era um boneco enorme com mais de um metro, muito bem vestido, que parecia que era para embelezar uma sala de arte, para colocar em algum lugar como estátua, mas era uma obra mágica de vingança pela morte do único filho da sua amiga.

As farras dos membros da gang iam continuando, uma vida pura de lord iam espalhando na zona, ninguém perguntava porque todos sabiam que eles tinham ganho na loteria por terem morto um jovem viajante. Nesse período aqueles que eram donos de lojas e pequenos negócios foram isentos de pagar os tributos quinzenais a gang, pois, era a gang chefe que tinha matado e saqueado o dinheiro do viajante jovem inocente e nenhuma outras gangs pequenas deviam se atrever a cobrar impostos sem ordens superiores da gang máxima que desfrutava o belo prazer do dinheiro roubado.

Depois de três meses, o velho mágico decide começar com a vingança.

Numa noite enquanto eles dormiam nas suas casas, o velho acorda e deita o boneco numa espécie de cama e tira forçosamente um dos olhos, também os membros da gang que haviam morto o jovem sentiram forçosamente perder um dos olhos, era inexplicável como todos os sete tinham perdido um dos seus olhos sem nenhuma agressão enquanto dormiam. A situação criou terror e medo por parte daqueles que semeavam medo, todos tinham perdido um olho no mesmo lado, o direito, mas a maneira como tinham sido arrancados o olho, não era possível implantar outro olho caso houvesse possibilidades de o hospital fazer, estava explicado, era um fenômeno misterioso.

O velho no dia seguinte ouviu a e assistiu a notícia dos homens que haviam perdido o olho direito enquanto dormiam, apenas sorriu e foi acender um cachimbo para relaxar mente e preparar a outra bomba sem muita pressa.

Dez dias depois de ter tirado o olho direito ao boneco, decide cortar as duas mãos do boneco e deitar no chão, também os sete membros da gang viram enquanto passeavam as suas mãos caírem sem mais e nem menos e já estavam a sangrar, houve uma intervenção imediata e levados para o hospital, os médicos e enfermeiros tiveram

que fazer a sua parte, mas estava explicado que não era um fenómeno normal, mas sim, estavam pagando por alguma acção estranha, era vingança de algum demônio.

Outra vez a notícia chegou aos ouvidos do velho, já era uma notícia do estado, os sete membros da gang estavam sob o sacrifício da magia negra, mas não se sabia ao concreto o que haviam feito, porque eram homens que por natureza eram criminosos, vivendo numa zona de crime e onde o crime não era punível. Era como se aquele velho estivesse ajudar a resolver o problema que o governo daquele estado não conseguia.

Os bárbaros haviam provocado um bárbaro silencioso e invisível, a resposta estava sendo dada sem agressão e nem contacto. O homem estava fazendo pagar pela mesma moeda os criminosos que por sinal passavam os crimes para as gerações.

Depois de ter escutado a notícia, o velho tirou mas uma vez o seu cachimbo mais uma garrafa de cachaça e foi deliciando com uma carne assada de porco que tanto gostava de saborear nos seus dias de realização, e naquele dia era mais um dia de realização, que para além de um cachimbo, uma cachaça, teve que despendurar o seu violão desafinado para tocar algumas músicas que mais gostava na sua juventude, e assim fez debaixo da sombra de uma frondosa mangueira.

Passaram se mais dez dias, para mais um ritual de vingança, era na hora do almoço, como já os sete membros da gang não podiam pegar em um garfo ou em uma colher, quatro deles estavam com suas familiares tomando almoço quando o terror aconteceu, as duas pernas foram dissipadas, e os outros três membros da gang somente caíram porque se encontravam de pé conversando a quando sobreveio a outra desgraça. Foram levados ao hospital, por sinal os mesmos hospital que os assistia, mas uma vez, os médicos, enfermeiros e outro pessoal do hospital ficaram pasmos, o grupo estava morrendo aos poucos e em partes. Só que, o que mais intrigava o pessoal do hospital era a rapidez da cura das feridas que levavam menos de dez dias após intervenção embora enormes que podiam levar até meses, para eles era questão de dias para curar, era mesmo arte de magia e feitiçaria trabalhando a gang chefe.

A notícia mais uma vez chegou aos ouvidos do grande velho, o homem da vingança sem tocar em ninguém, apenas castigando em um boneco de barro estava castigando os criminosos que haviam matado barbaramente um jovem inocente, por causa do seu dinheiro, estavam pagando com a sua própria vida, e para eles a morte estava a vista e não tinham mais nenhuma esperança de viver.

As outras gangs menores vendo o que estava acontecendo com a gang maior, deixaram de ameaçar as pessoas, roubar e cobrar impostos aos que praticavam comércio

naquela zona. A desgraça que acontecia com os sete era uma grande lição para os demais grupos de gangs que tanto se gabavam da barbaridade da sua zona, deixaram de atuar e foram assistindo as desgraças dos amigos que tinham um fim ainda por se definir, porque nem os familiares, nem os amigos sabiam a próxima parte do corpo os homens iam perder.

Em algum momento outros grupos de gangs suspeitaram que fosse acção do governo para tentar acabar com eles, mas as tais suspeitas eram infundadas, porque aquele grupo de gangs nunca tinham sido presos para suspeitar que tinham consumido algum alimento envenenado com reacções de longo prazo, mas também, como um veneno podia dissipar alguém em partes ao mesmo tempo e nos mesmos instantes as sete pessoas? Não, não era o maldito suspeito envenenamento, era ajuste de contas que devia ser pagas por aqueles que o cometeram, e eram aqueles sete famosos temidos da zona que tinham cometido o crime e a vingança mágica do velho estava funcionando devidamente para os sete.

Mas dez dias se passaram, o velho mágico volta ao seu ritual da vingança, desta vez ele molhou o dedo de tinta, dobrou que nem o dobrar do arame de uma ratoeira para pegar um rato, e depois largou o dedo para sacudir a tinta, e feito isso, quando sacudiu a tinta do dedo a gota maior foi tocar o nariz. Desta vez a parte na qual iria retirar do boneco seria o nariz, e lá foi e dissipou o nariz, no mesmo momento em que dissipou os sete, os seus narizes estavam dissipados e sangrando, houve alarme mas, não como das primeiras vezes, porque já era recorrente e sabia-se que a qualquer momento podiam perder uma das parte do seu corpo.

Era um terror real com ator invisível fazendo verdadeira justiça numa zona sem justiça.

Quando a notícia chegou ao velho mágico, chamou a sua amiga e lhe disse que a justiça estava sendo feita e os criminosos do seu filho estavam viver os seus piores dias de vida pelo que tinham feito ao filho da sua amiga.

Acabou por lhe revelar que os jovens que ouvia nas notícia de perder partes do seu corpo era ele que estava fazendo. De seguida pegou ela até o local onde se encontrava o boneco que havia feito para se vingar dos criminosos e pediu que ela arrancasse as partes do seu gosto e a seu belo prazer enquanto ele assistia. A sua velha amiga com todo nervo e desgraça arrancou os dois braços, as duas coxas, as duas orelhas sem nenhuma piedade porque era um simples boneco de barro, mas naquele dia foi dia de

grande tormento para aqueles sete, ninguém morreu, mas o que havia ficado para eles como parte do corpo era a cabeça e tronco.

A velha naquele dia queria destruir todo boneco, mas o velho teve que lhe assegurar, para que não os matasse, mas que morressem sozinhos.

Cinco membros da gang viviam com suas esposas, estás acabaram lhes abandonando, e que pouco a pouco foram morrendo cada um por sua vez por falta de quem lhes pudesse cuidar, e dois deles que viviam com seus pais, mas também porque os cuidados que eram dados eram péssimos seguiram o mesmo caminho dos cinco.

Sete meses depois estava feita a justiça, aqueles que haviam assaltado e matado o jovem inocente também estavam mortos, mas ninguém sabia quem havia feito, apenas a limpeza estava feita.

O velho mágico nunca foi conhecido naquela zona que tanto estremecia a tudo e a todos.

Depois do sucedido, aquela zona, era uma zona de respeito, a prática do crime foi deixada, os jovens e adultos pensaram em fazer outras actividades de renda não criminosas e o crime naquela zona passou para história.



**“In Conto de Magia”**

Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 29/08/2024

**Para citar este texto (ABNT):** PATRÍCIO, Domingos Tomo. J. S. A Gang: A thimbuini. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.298-303, out. 2024.

**Para citar este texto (APA):** Patrício, Domingos Tomo. J. S. (out.2024). A Gang: A thimbuini. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 298-303.